

79% têm dor de cabeça ou cefaléia

DAIANE SOUZA/UNB AGÊNCIA

Entre os trabalhadores que passaram por exames clínicos e físicos no ambulatório, muitos já mostravam a saúde comprometida. A dor de cabeça ou cefaléia era presente em 79% desses trabalhadores e em 31% da amostra foram encontrados pruridos na pele e na mesma quantidade tontura. Ao analisar o grau de intoxicação em exames mais específicos, Andréa Magalhães verificou que 23% estavam intoxicados e foram afastados do trabalho.

Nesse grupo, após verificar o tipo de contaminação, a médica observou que 13 pacientes haviam sofrido acidente de trabalho. Eles foram contaminados com a substância fosfina (gás altamente tóxico, que provoca alterações dermatológicas) ao carregarem sacos de alimentos contaminados por agrotóxicos. "O que chama atenção é o fato dessa profissão geralmente não

ser caracterizada como de risco, pelo Ministério do Trabalho", alerta Andréa. Os produtos têm um tempo de carência, antes do alimento ser comercializado. Quando a venda é feita antes desse período, como nesse caso, pessoas que transportam ou lidam diretamente correm riscos.

Todos os 188 trabalhadores estavam de alguma forma expostos a algum produto de risco, como agrotóxicos (86%), solventes (15%), metais (3%) e produtos de limpeza (2%). A maioria estava exposta a produtos moderadamente tóxicos (87%).

Outros 30 trabalhadores intoxicados tiveram sua contaminação ligada a doenças ocupacionais, dos quais 22 eram funcionários de campanhas de saúde (dengueiros). Ou seja, trabalham na área da saúde, e não têm em suas atividades profissionais a preocupação para preservação de sua própria saúde.



■ ANDRÉA MAGALHÃES: "É PRECISO MAIS TREINAMENTO PARA CONSCIENTIZAR ESSES PROFISSIONAIS"